

A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA

Latuf Isaias Mucci - proflatuf@saquarema.com.br

“É certo porém que há dois anos não sei que anjo-da-guarda prudencial me guiou a mão e me fez escrever em nome da minha verdade. Em nome dela é que sempre escrevo e escreverei”.

Mário de Andrade, A escrava que não é Isaura. Postfácio.

Inaugurando, em 7 de janeiro de 1977, a cadeira de semiologia literária, do Colégio de França, Roland Barthes (1915-1980) pronunciou uma aula inaugural (editada, em 1978, por Seuil: *Leçon*), onde, depois de definir a literatura como “uma revolução permanente da linguagem” (BARTHES, s.d., p. 18), indica três forças da literatura, designadas por “três conceitos gregos: *Mathesis*, *Mimesis*, *Semiosis* (BARTHES, s.d., p. 18). Pela força da *mathesis*, a literatura abriga todos os saberes, caracteriza-se por ser “enciclopédica” e “faz girar todos os saberes” (BARTHES, s.d., p. 18). O escritor francês levanta a hipótese de que, se todos os saberes devessem, por uma força qualquer, ser abolidos, só a disciplina literária deveria ser salva, “pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (BARTHES, s.d., p. 18). A segunda força da literatura, no discurso barthesiano, é a representação: a representação do real, demonstrável ou impossível. Com a busca do real pela linguagem, ou, foucaultianamente falando, da relação entre as palavras e as coisas, constitui-se a literatura, “categoricamente realista” (BARTHES, s.d., p. 18), na medida em que a literatura é “o próprio fulgor do real” (BARTHES, s.d., p. 18). Mas, se “sempre tem o real por objeto do desejo” (BARTHES, s.d., p. 23), a literatura, paradoxalmente, deseja o impossível, configurando uma utopia, porque o real, tal qual as areias entre os dedos, se lhe escapa; o real foge à literatura, que o busca, como Eurídice desaparece, se fitada por Orfeu (Blanchot). Pela sua terceira força – a *semiosis* -, a literatura vai “jogar com os signos em vez de destruí-los “ (BARTHES, s.d., p. 28).

Tratando da arte de hoje, hoje, e, em particular, da literatura de hoje, hoje, retomo, mais uma vez e sempre, Barthes, no sentido de pensar a literatura sob o signo da experiência que a literatura, enquanto arte – arte clássica, arte renascentista, arte maneirista, arte barroca, arte romântica, arte arcádica, arte parnasiana, arte simbolista, arte decadentista, arte moderna, arte pós-moderna – produz. Há uma natureza inquestionável da literatura, não importam os tempos e lugares; os tempos e os espaços seriam, na concepção da filosofia aristotélica, os acidentes literários, ao passo que o *quid*

da literatura é sua essência, permanente. No diapasão de Heráclito, direi que a literatura, porque histórica, muda o tempo todo, no mundo; já na pauta de Parmênides, constato que a literatura, pois que linguagem, enquanto linguagem, tem um ser sempre reconhecível. Em *Le littéraire et le social*, R. Escarpit, depois de afirmar que a literatura existe, pois que é lida, estudada, ocupando bibliotecas, aulas, jornais, tv's, possuindo instituições, ritos, heróis, conflitos e exigências, estabelece que a literatura “é vivida cotidianamente pelo homem civilizado e contemporâneo, como uma experiência específica, que não se assemelha a nenhuma outra”. Autor paradigmático de toda uma geração de estudiosos da teoria da literatura, o português Vítor Manuel de Aguiar e Silva postula que “a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. Foi assim com Ésquilo e com Ovídio, com Petrarca e com Shakespeare, com Racine e com Stendhal, com Eça e com James Joyce; continua a ser assim com Sartre e com Beckett, com Jorge Amado e com Nelly Sachs, com Norman Mailer e com Cholókhov, com Miguel Torga ou com Herberto Helder. E assim há de continuar a ser com os escritores de amanhã. Apenas variará o tempo e o modo” (AGUIAR E SILVA, 1979). Portanto, no diálogo, intensamente intertextual, que contempla a literatura, ressalta-se, constantemente, o seu caráter de experiência, confirmado, inclusive, por Jonathan Culler, talvez o mais importante crítico literário da atualidade, quando, em *Sobre a desconstrução*, estatui que “a literatura tem como matéria toda a experiência humana e, particularmente, a ordenação, interpretação e articulação da experiência (...)” (CULLER, s.d, p. 17). Para esse crítico norte-americano, “desde o romantismo, a literatura tem sido, potencialmente, o modo mais abrangente de discurso” (CULLER, s.d., p. 200), cuja experiência abraça os saberes mais imprevisíveis; portanto, a experiência da literatura estrutura, ao fim e ao cabo, a própria experiência humana, mutável, mutabilíssima, todavia cotidiana. Ao jogo de espelhos, que ocorre em inúmeros textos literários, sejam narrativas dentro de uma narrativa, poemas dentro de um poema, ensaios dentro de um ensaio, chamam-no os teóricos da literatura com uma expressão francesa: *mise en abyme*, traduzida, precariamente, por visada no abismo. Com efeito, a experiência da literatura volta o ser humano para o abismo de sua existência.

Se a experiência da literatura metamorfoseia-se em tempos e lugares diversos, considerando-se, por exemplo, como não-literária alguma obra que pode ser avaliada, a *posteriori*, como literária (só para ficar na literatura brasileira, o próprio Oswald de Andrade, que tanto estardalhaço promoveu, “vivia” segundo Lêdo Ivo, “num ostracismo terrível” (...)) “quando ele morreu, foram ao enterro apenas 15 pessoas. Hoje ele tem a glória literária com que sonhava, um reconhecimento impressionante (MARETTI, 2002, p.

128)), a modernidade, ao contrário da sociedade tradicional, desritualiza o exercício da literatura, na medida em que postula que qualquer pessoa, em qualquer tempo, em qualquer lugar e em qualquer língua, pode fazer literatura, bastando, para isso, que transforme, em linguagem, sua experiência, geradora de um texto, cuja valoração dependerá dos cânones vigentes; a experiência confirma-se como experiência da linguagem ou prática literária, independentemente de receber o título de obra de arte.

Na rede de comunicação: emissor – mensagem – receptor, aplicada à comunicação literária, temos: escritor – obra – leitor, três elementos que determinam as correntes literárias, vigentes nos diferentes períodos históricos. Da perspectiva do escritor, o historicismo, o biografismo e as estéticas psicológicas estudam o sujeito que escreve, com suas características pessoais, biológicas, psíquicas, fazendo ver o escritor na obra. Já a corrente que joga o enfoque sobre a obra literária configura o formalismo e o estruturalismo, que abordam a mensagem auto-referenciada, autotélica, o texto em si, privilegiando o significante, ao invés do significado. Assumindo o ponto de vista do leitor, a estética da recepção confere maior pregnância ao fruidor da obra literária, levando em conta suas reações mais profundas. Não importam tanto os dados históricos do escritor, tampouco o texto em si mesmo, mas se estabelece a hegemonia daquele que lê. Em nossa conturbada pós-modernidade, caracterizada, sobretudo, por um instigante hibridismo das correntes artísticas e literárias, não se firmam mais fronteiras estanques entre os pontos de vista, acontecendo uma alquimia das perspectivas, ainda quando o crítico assume uma determinada postura, optando por uma específica leitura; ainda assim, o concerto de pontos de vista verifica-se, até porque o leitor da crítica tem ampla liberdade de escolha e as perspectivas não se misturam. Nesse caleidoscópio, que a experiência da literatura faculta talvez resida a força inenarrável da obra literária, que vive e revive da leitura. Reeditando a fala dos Evangelhos – “a letra é morta, o espírito a revivifica” –, a comunicação literária revela a imbatível dialética entre os três termos de toda comunicação: o emissor (escritor), a mensagem (a obra) e o receptor (o leitor).

Desde que a literatura é literatura (e os teóricos situam o século XVIII como o momento em que a literatura se constitui *qua talis*: vide AGUIAR E SILVA, 1979), tem a literatura levantado inúmeras questões, a que as épocas não têm oferecido respostas, antes recrudescem o número de questões insolúveis, configurando uma autêntica aporia; aliás, a literatura pode definir-se, contrariamente à filosofia e à ciência, que pretendem respostas definitivas, como o lugar dos enigmas. Repetindo a pergunta fulcral da esfinge grega, que ameaça Édipo e seus concidadãos, a literatura não tem vocação para o suicídio no abismo, se alguém jamais lhe der a resposta às questões que formula: a literatura sabe que pergunta gera pergunta e o *élan* literário radica nessa busca de

resposta inviável. Como a literatura de todos os períodos históricos, a literatura de hoje enfrenta as mesmas questões, revisita os mesmos problemas, objetiva a mesma experiência – a experiência da linguagem –, traço inconfundível do ser humano. Na cultura pós-moderna, extremamente dialogal, marcada, essencialmente, por entrecruzamento de linguagens, constituída estruturalmente por infindáveis intertextos (Derrida terá dito: “Todo signo, escrito ou falado, pode ser citado e posto entre aspas”), a literatura talvez tenha a função de falar, metalingüisticamente, esses discursos misturados, essa falas em diálogo, essa babel fulgurante. Sistema semiótico, portanto, que, não superando os demais sistemas semióticos, sejam artísticos ou não, possui a verve de dizer os outros sistemas e práticas semióticos, a literatura, com suas três forças, apontadas por Barthes – *mathesis*, *mimesis*, *semiosis* -, abriga o repertório da experiência humana; a literatura representa, com palavras, a experiência do ser humano; a literatura conduz, mediante signos verbais, a significação da experiência da humanidade. Por conseguinte, duas experiências justapõem-se: de um lado, a experiência da humanidade e, de outro, a experiência da literatura, constituindo um jogo de espelhos (*mise en abyme*), em que o ser humano se reflete e se refrata. Por mais objetivo, abstrato, neutro que pretenda ser, o texto literário moderno, ou pós-moderno, espelha, de algum modo, a experiência humana; são digitais do ser humano as letras que se ajuntam, as palavras que se acumulam, as frases que mancham a página branca, agora violada. A quem escreve e a quem lê a obra literária diz: você é isto, você quer ser isto, eu sou você, eu sou seu desejo. O romancista Flaubert (1815-1880) dissera *Mme Bovary, c'est moi.*; o ensaísta Montaigne (1533-1592): declarara: “*Mon livre m'a fait*”; o poeta Paul Valéry (1871-1945) enunciara: “*L'auteur est fiction, mythe et devient le fils de son oeuvre*”; o carioca Heitor Villa-Lobos (1887-1959), maior compositor musical clássico das Américas, enunciou, na França: “*Le folklore, c'est moi!*” Com esses três paradigmáticos enunciados, de épocas e escritores diferentes, confirma-se a força criativa da literatura, que, experimentada, exercitada, praticada, identifica o criador e a criatura, o leitor e a obra, o texto e a vida. Parafraseando as considerações, acima citadas, de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, digo que, apenas mudam os tempos e os modos, as épocas e as formas, o contexto histórico e o texto, mas a experiência da literatura continua a reverberar. Gostosamente.

Se esta minha experiência literária começou com uma fala de Barthes, com outra fala dele se arremata: “(...) Entendo por escritor não o mantenedor de uma função ou o servidor de uma arte, mas o sujeito de uma prática” (BARTHES, s.d.). A essa prática, Mário de Andrade (1893-1945), escritor total, sob cuja tutela se coloca este meu texto, nomearia “verdade”, isto, é, a verdade de cada um, expressa em palavras, humaníssimas palavras, dotadas da precariedade e da necessidade (Ernst Fischer) da própria arte.

Referências bibliográficas

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1979.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s.d.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, s.d.

MARETTI, Eduardo. *Escritores: entrevistas da Revista Submarino*. São Paulo: Limiar, 2002.

* Latuf Isaias Mucci é pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP, doutor em Poética (UFRJ), mestre em Teoria Literária (UFRJ), mestre em Ciências Sociais (*Université Catholique de Louvain*, Bélgica). Professor dos Programa de Pós-Graduação em Letras e em Ciência da Arte, da UFF, professor do Departamento de Arte (UFF). Poeta, ensaísta, crítico literário e de artes plásticas.

Latuf Isaias Mucci *

Pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte (UFF).

proflatuf@saquarema.com.br

proflatuf@uol.com.br